

# O TRABALHADOR

SEMANÁRIO DO POVO

## X SEMANA MAL EMPREGADA!

O futebol apaixonou as massas populares. No domingo, vive-se o futebol. Na segunda, discutem-se os resultados. Na terça, apreciam-se os jogadores. Na quarta e na quinta-feira, disputa-se sobre os clubes. Na sexta e no sábado, arreliam-se uns aos outros com as previsões dos encontros do domingo. E assim se passam as semanas, umas após outras, até que o calor e a sede venham ocupar o primeiro lugar nas preocupações de cada dia.

Mas como nem só de futebol vive o homem... entremeia-se a discussão desportiva com minuciosas apreciações sobre as «estrelas» e os «sois» do cinema.

Dir-se-ia que o povo trabalhador não sente nem vibra com mais nada senão com estes problemas, que nada de novo podem trazer em benefício da humanidade, embora tenham o seu lugar como distração.

A ciência que nos abre as portas do progresso; a arte que nos eleva acima da materialidade de cada dia; o belo e o bem que nos espiritualizam são relegados para a segunda ou décima plana das preocupações populares!

Sim! Ele há um outro problema que é assunto frequente de discussões e de azedumes; o pão de cada dia, o lar onde se mora, o casamento ou os filhos.

Mas este problema, que todos queriam ver resolvido em seu favor, que espaço ocupa na vida de cada um?

O tempo exacto de um desabaço de mau humor, de uma imprecação ou de uma maldição.

O problema existe. Ele é mesmo, segundo todos afirmam, o maior dos problemas. Contudo o que faz o povo por ele? Com que interesse o estuda? Como se prepara para o conhecer melhor, para colaborar na sua solução? Ou porventura imagina que pode continuar a dispensar as suas energias mentais e morais, nas intermináveis conversas sobre futebol, impunemente?

Se o problema social interessa ao povo trabalhador, pensa ele vê-lo resolvido, sem se decidir a tomar uma parte activa na construção dum mundo melhor?

Resolver o problema social a muro, de punho cerrado, pode ser uma solução... desportiva! Não é certamente uma solução razoável.

Os trabalhadores têm de conhecer os dados da questão, estudar apaixonadamente as soluções possíveis, elevar a sua cultura média e geral para se colocar à altura da grandeza do problema. Por isso nos parece que seria melhor distribuir a semana doutra maneira.

Discutam à vontade futebol à segunda e ao sábado. Mas, por amor de Deus, deixem a terça, a quarta, a quinta e a sexta, para ler, para estudar, para se valorizarem, para se tornarem melhores profissionais, elementos mais úteis à Nação e à classe operária!

Se assim se não fizer, muito mal irá para todos. Ou pensam os trabalhadores que a berrar muito alto, a dizer mal dos patrões e do Governo, se produz mais, se obtém melhor distribuição da riqueza, se prepara uma melhor sociedade em que todos anseiam viver em paz num lar feliz?

Vai sendo tempo de os trabalhadores se compenetrarem de que o vício do futebol começa a ser o verdadeiro ópio do povo.

ABEL VARZIM

ESTE JORNAL FOI COMPOSTO E IMPRESSO NA GRÁFICA BOA NOVA, LDA. R. MORAIS SOARES, 5-A a 5-D // LISBOA

## O PRIMEIRO LUTO

«O Trabalhador» sentiu profundamente a perda de um dos seus melhores amigos, na morte accidental de José Feliciano, accionista da S. E. T. e apaixonado propagandista do nosso jornal. Ele era amigo velho, bom camarada e leal companheiro. O seu funeral foi bem a prova de quanto era estimado por todos, chefes e camaradas de todos os ideais.

Sentimos profundamente a sua morte, sobretudo por ter vindo de maneira tão trágica, num acidente inesperado de trabalho.

A pena e a saudade que sentimos é, porém, recompensada, até certo ponto pelo que adiante se vai ler.

Com efeito, dez dias depois da sua morte, aparecia afixado nos estabelecimentos onde serviu (Sociedade Abel Pereira da Fonseca, ao Poço do Bispo), a seguinte ordem de serviço que dispensa comentários.

### Ordem de serviço a todo o pessoal

«São decorridos dez dias do desastre brutal que nos privou para sempre da companhia de José Feliciano.

José Feliciano foi em vida um exemplo. Honestíssimo, zeloso, cumpridor dos seus deveres, amigo dos seus amigos sem distinção de categorias e bom como todo o cristão sabe ser, e ele que o era.

Foi 25 anos empregado neste armazém. Foi 13 anos meu companheiro de trabalho e nunca fui obrigado na qualidade de chefe a tomar uma atitude contra ele por acto menos correcto que tivesse praticado, fosse em que campo fosse.

Homenagem justíssima àquele que foi um homem simples. Que os seus exemplos e memória perdurem em todos nós. Deus tenha a sua alma em paz.

Viuva, filhos e irmã, por meu intermédio, pedem para expressar o reconhecimento e agradecimento a todos os que trabalham nesta casa pela assistência moral e material que lhe dispensaram.

a) Manuel Gonçalves

«O Trabalhador» que conta entre os seus leitores, accionistas e amigos homens destes, apresenta à família em luto, a expressão sentida do seu muito pesar.

## «O TRABALHADOR» E OS FERROVIÁRIOS

Sob o título de «Verdades Punquentes» publicou o órgão do Sindicato Nacional dos Ferroviários do Sul de Portugal, «O Trabalho Ferroviário», um artigo em que se pede o cumprimento da promessa de revisão das condições de trabalho e remuneração, estabelecidas por portaria de Dezembro de 1945.

Neste artigo, que começa fazendo referência a «O Trabalhador», podemos ler o seguinte período: «Pena é que não tenha havido quem publicamente se tenha lembrado dos ferroviários e, por isso, vamos deles falar».

«O Trabalhador» lembra-se dos ferroviários, pois não poderia esquecer uma das classes mais numerosas e simpáticas do país.

Daqui a algum tempo trataremos das questões de interesse para essa classe, com todo o desenvolvimento possível.

Por hoje limitamo-nos a transcrever uma parte do artigo a que estamos aludindo.

«Em face do reajustamento de Dezembro de 1945, alguns agentes dos Caminhos de Ferro ficaram nas condições a que alude «O Trabalhador», enquanto os outros, os que não fazem horas extraordinárias nem têm outros emolumentos, se debatem com uma situação económica crítica.

«Tinham sido reconhecidas as deficiências notadas nas escalas do reajustamento de 1945 e que afectavam principalmente o pessoal da Via.

«Foram nomeadas Comissões Arbitrárias para limar as arestas mais salientes e tinha-se prometido na portaria que regulou o referido reajustamento, que a quando da fusão das Empresas Ferroviárias, mais se faria no sentido de acertar, visto que a

Toda a correspondência deve ser dirigida à nova sede dos nossos escritórios: RUA DE GOMES FREIRE, 30, 2.º LISBOA

## ASPECTOS SOCIAIS DA INDÚSTRIA NA AMÉRICA LEGISLAÇÃO SOCIAL

As reivindicações operárias nos Estados Unidos têm-se dirigido num sentido não político, e têm tido por objecto, quase exclusivamente, questões de salários, depois que se conquistou, há muito, um regime satisfatório de horas de trabalho.

A legislação social na América está atrasada, em relação à maior parte dos Estados europeus.

Se, porém, considerarmos as condições que tornam necessária essa legislação, vê-se que o grande país se adianta, pois que ainda lá não existe o

mal-estar social em que se debateu a Europa, durante muitas décadas. antes de se esboçarem os primeiros sistemas de previdência social.

Habitado a contar unicamente consigo, o operário americano realiza a sua própria previdência, quer juntando reservas, quer fazendo seguros particulares contra a doença e acidentes pessoais, e seguros de vida a favor dos seus sobreviventes.

Aumenta, porém, o número daqueles que vivem o dia a dia gastando todo o salário por mais elevado que seja, e começam por isso a verificar-se frequentes casos de miséria e a dar-se os primeiros passos para uma organização de previdência e segurança social.

Há cerca de dois anos, criou-se a primeira taxa obrigatória sobre os salários, para constituir seguros de velhice e desemprego.

Não existe ainda salário familiar, nem seguro contra a doença.

Entretanto, muitas firmas importantes têm os seus hospitais particulares, e, de modo geral, as outras firmas contribuem para o hospital local onde os seus operários são assistidos.

Por sua vez, o Estado distribui importantes subsídios de doença.

## NÓS APLAUDIMOS

Nos jornais de terça-feira, lemos a agradável notícia de que o Ministro da Economia nomeou uma comissão para «coordenar os elementos já obtidos e continuar os estudos precisos para que se fixem as bases de um programa de realizações, quanto às possibilidades de instalar, no nosso País, a metalurgia de ferro, a partir de minérios nacionais, de extraordinária importância para a nossa economia».

«O Trabalhador», desde os seus primeiros números, insistiu na imperiosa necessidade da metalurgia para o nosso País. A indústria metalúrgica é hoje, com efeito, a principal base da riqueza dum povo.

O nosso jornal dá, portanto, os seus maiores elogios à iniciativa agora tomada e espera que esta comissão realize obra rápida e perfeita.

## VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

## INQUÉRITO ÀS NOSSAS LEITORAIS

## O LAR

Como anunciamos no número antecedente, vai «O Trabalhador» ouvir os grandes anseios das raparigas operárias e empregadas. Qual o seu futuro? Quais os sonhos da sua mocidade?

Um marido, um lar, os cabelitos loiros duma, de várias crianças, ou a fábrica, o escritório, a oficina? Qual deve ser o futuro da mulher portuguesa?

O Lar ou a Fábrica? Poderá ser também o Lar e a Fábrica?

Casadas e operárias ao mesmo tempo? Que pensais, raparigas trabalhadoras?

E que pensais vós, mulheres adultas, operárias experimentadas, mães de família? Qual é o ideal que sonhais para as vossas filhas?

O inquérito é para vós, também para vós que viveis mais das realidades do que dos sonhos. Respondei todas, abri a vossa alma! Colaborai neste grande inquérito.

Haverá prémios! Quem sabe ainda quantos!

Lede o próximo número. Faremos o inquérito em forma, fixaremos prazos, condições em que deveis responder. E tudo o mais que se verá!

Desde já vos dizemos, porém, que vos não assusteis. Podeis escrever, e assinar as respostas com um pseudónimo.

Vede o próximo número!



## OU A FÁBRICA?









### ALEGRIA NO TRABALHO

# Comunidades profissionais

De todos os filmes que temos visto, «A vida de Edison» foi, sem dúvida nenhuma o que mais nos agradou, pois encerra uma lição de alto valor social e de flagrante e permanente oportunidade.

Dois cenários capitais perduram na nossa retina pela beleza que encerram, beleza, principalmente, moral e que servem de espelho onde se deviam rever muitas empresas para as quais o operário não representa mais que um valor puramente material. No momento culminante do filme, surge um «aprendiz» que parte uma lâmpada sobre a qual convergiam não apenas as atenções dos operários de Edison, como todos os esforços do grande inventor da lâmpada de incandescência.

A lâmpada partiu-se quando o «aprendiz» subia uma escada. Edison, em vez de manifestar a sua contrariedade, ordenou que fosse feita nova lâmpada e encarregou o desastroso rapaz de conduzi-la para a experiência definitiva.

Outra cena: No dia seguinte ao do encerramento das oficinas, por falta de meios, Edison vê, com espanto, que os operários retomavam o trabalho, sem se preocuparem com os vencimentos.

Quantas empresas se poderiam orgulhar de que encerrando um dia as portas, por não poderem pagar aos seus operários, estes retomassem, por mera dedicação, o trabalho, no dia seguinte?

Só uma empresa ideal como a de Edison é que tal podia acontecer. Os operários trabalhavam como em família. Regozijavam-nos os êxitos do patrão; contristavam-nos as suas de-

silusões, os seus reveses. Quando este se viu na necessidade de fechar a porta, quase lhes pediu desculpa de os despedir.

Quem viu esse filme deve, por certo, ter reparado no ambiente de alegria, um ambiente verdadeiramente familiar, que reinava nas oficinas.

#### Alegria no trabalho

Queremos viver com alegria! É um grito que condensa um programa de vida e que todos, tanto patrões como operários deviam procurar realizar.

Você gosta do seu trabalho? Esta pergunta têm-la feito diversas vezes nas mais variadas circunstâncias, sendo raras as respostas positivas, e mesmo essas dadas com um significativo encolher de ombros que equivale a uma restrição. Podia aplicar-se a este caso a velha frase: Ninguém está contente com a sua sorte.

Para muitos o trabalho é um fardo. Suporta-se porque não pode deixar de ser.

Com esta disposição de ânimo o trabalho custa o dobro. Por que não havemos de encarar o trabalho pelo seu aspecto risonho, pelo que ele tem, não de monótono ou enfadonho, mas de sugestivo e até mesmo divertido?

Devemos tentar descobrir o que existe de belo e de grande no simples manuseio dum escopro, no pregar dum rebite, no encaixar duma travessa.

O problema do rendimento do trabalho é o mais importante a resolver, quer socialmente quer economicamente. E esse rendimento não depende apenas dos capitais que se investem numa

empresa, como não depende só da maquinaria por mais aperfeiçoada que ela seja. Depende essencialmente do homem.

Deixar criar à volta do homem que trabalha um ambiente que o deprime, que o inferiorize física, psicológica e moralmente, é anular as vantagens que dos progressos da técnica possam advir.

No decorrer dos nossos inquéritos junto das várias profissões, inquéritos que prosseguirão como até aqui, temos encontrado em todos os operários o desejo de um entendimento maior com as empresas sem que estas, no entanto, salvo honrosas excepções, se preocupem com isso.

O trabalho alegre não é uma utopia, é uma necessidade dos nossos tempos e necessidade, repetimos, não apenas social mas também económica. A maioria dos conflitos sociais que o Tribunal do Trabalho tem de resolver deixariam de existir se entre operários e patrões não houvesse um parêntese de amonidades e de intransigência a dividi-los.

Em muitas empresas falta o espírito de família a presidir às relações entre dirigentes e dirigidos. Falta a confiança ao operário para expor os seus problemas e até para apresentar as suas reclamações.

A um pedido de aumento de ordenado segue-se, muitas vezes, a ameaça de um despedimento.

Uma discussão com o encarregado pode conduzir a uma perseguição odiosa ou a uma suspensão. Há falta de compreensão mútua.

desta. Tomará assim o sentido das responsabilidades. Elevado à categoria de colaborador, trabalhará com alegria.

Com certeza que as regalias materiais, salários elevados, abonos e outros subsídios, seguros, desempenham um papel importante no espírito do trabalhador, qualquer que ele seja. Contudo o mais importante para ele é a disposição de espírito com que desempenha as suas funções.

O objectivo de todos os renovadores e, especialmente, dos partidários da comunidade profissional é a criação dum clima novo, tanto na fábrica como na oficina, como no escritório, que permita o despertar das faculdades superiores do homem.

Qual o «estatuto» dessa comunidade profissional?

Deve ser a profissão e não a empresa a base dessa comunidade, por interessar especialmente uma orientação profissional que corresponda aos interesses solidários duma indústria inteira. Estabelecer-se-ia uma espécie de conselhos da profissão em que patrões e empregados estivessem igualmente representados e cuja missão seria examinar em comum tudo o que pudesse interessar a um ofício ou a uma indústria, estudar as possibilidades de colocação dos produtos, o rendimento e o desenvolvimento da indústria; em suma: mil e um problemas que surgem e cuja solução tantas vezes se arrasta com prejuízo de patrões e operários.

O homem de hoje é, em muitos casos, um forçado do trabalho. Além

das horas que trabalha para justificar o seu vencimento-base, tem de trabalhar umas quantas horas mais noutros trabalhos para completar o que lhe falta.

Daí resulta que a aplicação ao trabalho não pode ser perfeita, mas condicionada pelo esforço físico ou intelectual que outras ocupações requerem e condicionada ainda pelas preocupações que obscurecem a atenção do trabalhador.

Conhecemos um patrão que costuma averiguar, particularmente, quais as aspirações dos seus operários. Se o operário as formula ao patrão assumem o carácter de reivindicação; se este se antecipa concedendo voluntariamente o que mais tarde teria de fazer involuntariamente, fica com um direito à gratidão do operário.

O verdadeiro dirigente não deve esperar que os operários apresentem novas reivindicações; deve antes preparar um plano de colaboração para melhor entendimento e para eliminar conflitos.

As reivindicações operárias podem assumir e têm assumido, muitas vezes, carácter de violência, de imposição. Preveni-las será a melhor política social e isso depende em muito dos patrões. Repudiá-las é um perigo; esclarecê-las, quando exageradas, ou infundadas, é o que especialmente interessa.

É essa a função, em parte, das comunidades profissionais, organizadas numa base paritária com igual representação das empresas e dos operários.

No dia em que se tiver conseguido esse entendimento, ter-se-á dado um grande passo na solução da questão social.

## QUE ESPERAIS DE NÓS?

### GRANDE INQUÉRITO AOS NOSSOS LEITORES

Um jornal não se faz dum feito sem auscultar o sentir e os anseios dos seus leitores. Todos haveis de ter dito mal de «O Trabalhador». Vem pobre, traz pouca colaboração, não interessa; ou então: vem maçudo, fala barato, desconhece os problemas...

Estes e outros reparos que têm chegado até nós, fizeram-nos pensar na necessidade deste inquérito.

Queremos a colaboração de todos vós, porque o jornal é de todos, não é de meia dúzia.

Se tiverdes receio de dizer abertamente a vossa opinião, podeis assinar com pseudónimo.

Nós queremos a crítica. Nós não nos magoamos com a crítica. Nós queremos sempre melhor. Só vós podeis realizar a perfeição do jornal, criticando-o *implacavelmente*.

Como anunciámos no número passado, sorteamos prémios entre todos os que nos responderem. Um aparelho de telefonia... e o mais que se verá...

Estai atentos. No próximo número diremos o que falta.

Vede o próximo número!

Há necessidade de rever as relações entre operários e patrões para que se encurte a distância que entre uns e outros medeia.

Para o levantamento da classe operária as regalias materiais são sempre apreciadas e indispensáveis; mas não são tudo.

Estamos plenamente convencidos de que o operário irá ao extremo de contentar-se com um salário inferior desde que trabalhe num ambiente moral que salve a sua dignidade e seja realmente verdadeiro que a empresa não lhe pode pagar mais.

#### Comunidade profissional

Uma das soluções que seria possível apresentar para este problema das relações entre operários e patrões seria a da comunidade profissional. A expressão não é nossa mas inteiramente a perfilhamos certos de que representando embora uma transformação radical da nossa estrutura económica, não é contudo uma medida de carácter revolucionário.

Não é nova esta ideia de fazer participar, em determinadas condições, o operário nos lucros da empresa. Entre nós, mesmo, os exemplos são mais vulgares do que à primeira vista parece. Caso curioso: a iniciativa de pequenos comerciantes para os quais é ponto de honra dar sociedade a um empregado antigo, que se salientou pelo zelo e dedicação no desempenho das suas obrigações. Alguns dos dirigentes sindicais com quem tomámos contacto, falaram-nos dessa aspiração como dum sonho ou duma utopia.

Mas, em que consiste essa comunidade profissional?

Um «inquiridor», como nós, das condições de trabalho na Suíça, escreve a esse propósito:

«Fazer participar o trabalhador nos rendimentos da empresa é dar-lhe direito de observar a administração

## GRUPO DESPORTIVO DO HOTEL «TIVOLI»

Um artigo que nos foi enviado de Coimbra, por A. Carvalho, para a nossa secção «Tribuna operária», e que publicamos no outro lugar, trata a



questão do entendimento e colaboração entre trabalhadores e patrões.

É sem dúvida importantíssimo este assunto, pois que, uma vez que há diversidade de classes e diversidade de interesses, estas classes diferentes colaboram procurando harmonizar os respectivos interesses, ou, na outra alternativa, aparece o desentendimen-

to e a luta. E «O Trabalhador» não é nem foi nunca pela luta no ódio, mas pelo entendimento na justiça.

Não nos escapa, por tal motivo, nenhuma ocasião que se ofereça para evidenciar o nosso ponto de vista. Assim, sempre que uma manifestação de princípios idênticos aos nossos surja em qualquer facto, aproveitaremos este e dar-lhe-emos o relevo merecido.

É por isso que, ontem a confraternização do pessoal e da direcção da Empresa «Olmes», hoje a comemoração do aniversário do Grupo Desportivo do Hotel «Tivoli», mereceram a nossa atenção.

Este acontecimento ocorreu em 18 de Março último.

A pequena festa, de que fez parte um «Porto de Honra», compareceram, juntamente com todo o pessoal, os proprietários do Hotel. Saudaram-se mutuamente e beberam à saúde de todos.

Um dos proprietários ofereceu 1.000 escudos para o Grupo e prometeu proporcionar-lhe nova sede.

Discursando, o mesmo proprietário, «agradeceu» o convite que lhe foi feito e congratulou-se pelo espírito de união que verificou existir entre o seu pessoal que, disse, considerava sua segunda família.

Podem existir divergências de critério entre patrão e empregado. Porém quando não exista ódio que os separe, é fácil chegarem a acordo.

Os patrões que se fazem estimar pelos trabalhadores contribuem para o bem-estar e para a paz social.